A LUZ

Por

Flávio Dias

Revisão: Décio Júnior

Capítulo 1 4
Capítulo 2 6
Capítulo 3 10
Capítulo 4 14
Capítulo 5 18
Capítulo 6 21
Capítulo 7 24
Capítulo 8 29
Capítulo 9 34
Capítulo 10 38
Capítulo 11 41
Capítulo 12 45
Capítulo 13 48
Capítulo 14 52
Capítulo 15 55
Capítulo 16 60
Capítulo 17 69
Capítulo 18 74
Capítulo 19 83
Capítulo 20 89
Capítulo 21 93
Capítulo 22 96
Capítulo 23 102
Capítulo 24 108
Capítulo 25 113
Capítulo 26 117
Capítulo 27 122
Capítulo 28 127
Capítulo 29 130
Capítulo 30 133
Capítulo 31 147
Capítulo 32 150

Capítulo 33 ..... **154**
Capítulo 34 ..... **159**
Capítulo 35 ..... **164**
Capítulo 36 ..... **169**
Capítulo 37 ..... **172**

Agradecimentos

Este livro é uma experiência com o apoio do meu grande amor Décio. Agradeço também a minha irmã Sílvia e minha afilhada Luiza por incentivar a ir em frente na elaboração da obra.

Capítulo 1

17 de janeiro de 2025, sexta-feira, 17:45, o voo para a Ilha da Descoberta vai decolar em poucos minutos. Já preparado sentado na poltrona, revisa com seu assistente os últimos preparativos para a palestra de seu novo livro e os passos para o dia seguinte. O comandante do avião anuncia o passeio pela pista antes de decolar o voo 1585 do Airbus 737. A comissária de bordo solicita que os passageiros desliguem seus aparelhos eletrônicos, celulares e que afivelem os cintos. O avião começa a tomar impulso para voar por quase uma hora até o destino.

Depois de quase uma hora, com pouca conversa e repassados os passos na ilha, pegam um carro alugado pela editora para o hotel. Lá o editor está pronto para avisar da confirmação do horário do dia seguinte e todos os detalhes. Conversa curta, pois é hora de o escritor descansar. Poucos fãs no hall do Royalle, um luxuoso hotel 5 estrelas, com quartos amplos e serviço de primeira. Mas apenas faz o check-in e sobe para seu quarto. Sem muito estrelismo, não quer papo com ninguém. Apenas descansar e curtir o hotel no quarto, sem social por hoje. Amanhã o dia será puxado e o tempo é de se concentrar para a palestra do evento de lançamento da sua nova ficção: “Paraíso Perdido”.

No quarto lê o texto escrito pelo seu editor. Corta pela metade o discurso e vai logo para o ensaio do livro, uma sinopse dos acontecimentos primários de sua ficção. O editor sempre escreve o seu *“próprio livro”* no discurso e refaz todo o trabalho retirando palavras rebuscadas, cheias de pompa e o pior: quase revelando os mistérios contidos, um verdadeiro manuscrito de spoiler. Não é um editor ruim, mas não tem a mínima condição de escrever discursos. Faz com boa intenção já que não gosta de escrever sobre seu próprio livro para as palestras e encontros. Depois da revisão e diminuído consideravelmente o texto, pega o telefone e solicita um jantar simples, sem extravagâncias exóticas que aquela ilha oferece para um hotel de luxo. O cardápio é variado e cheio de linguagem estrangeira como inglês e francês. Sem muita paciência pede um sanduiche, um hambúrguer dos mais simplórios da casa e um refrigerante. O

objetivo do pedido: atendimento mais rápido para estar pronto para o dia seguinte. A revisão demorou mais que imaginava e já era perto das 22 horas.

Com o estômago cheio, banho tomado antes da refeição chegar, hora de colocar o relógio do despertador do celular a tocar. 8 horas terá que estar de pé. Verifica a carga do celular e está ok. Toca a mensagem do editor no WhatsApp. Tenta ignorar, mas pode ser importante, ou alguma mudança no roteiro do dia seguinte. Não era nada demais. Apenas avisando a hora que terá que estar pronto para a palestra, algo já anotado e postado inúmeras vezes pelo seu impaciente editor. *"8 horas no saguão do hotel. Esteja pronto…"*. Não leu o resto sabendo do que se tratava. Desliga os dados móveis do celular, coloca no criado mudo no lado da cama e põe-se a deitar. Não era difícil de pegar no sono. Bota a cabeça no travesseiro e logo dorme.

Antes de pegar no sono, ficou pensando na história da ilha. Descoberta há pouco mais de 40 anos, exatamente há 43 anos, por um milionário aventureiro. A ilha estava no meio do caminho, uma formação rochosa, cheia de morros, mas também com uma planície gigantesca. O milionário não pensou duas vezes: tomou a ilha para si, com escrituras de posse e tudo que lhe era de direito. Vários países ao tomar conhecimento fizeram proposta de ter a ilha, incluindo o Brasil, país mais próximo daquela exuberante terra nova, de onde veio, mas não aceitou nenhuma proposta. Ali construiu seu mais valioso império com muitos segredos não revelados. A escritura da posse foi constituída para ser vitalícia, não saindo do domínio familiar. As cláusulas impedem de vender ou que outro país venha ter posse. Tudo para garantir o bem da fauna e flora do local. Para manter, porém, foi necessário lucrar. Deixou que empresas construíssem hotéis, resorts e explorassem praias. O milionário também aproveitou a riqueza do local, mas sem tirar nada da ilha. Planejou cada pedaço do local, colocou na ilha animais selvagens, dividiu em área urbana e natureza intocada, permitiu o uso para empreendimentos imobiliários com cláusulas bem severas e duras. Tudo com grandes quantias depositadas na sua conta, é claro. Mas permaneciam muitos mistérios em áreas que ninguém poderia entrar como um cidadão comum. Uma área protegida dos olhos de todos. Até o espaço aéreo não era permitido no sul da ilha. "O que teria ali? O que tanto se esconde no sul da ilha? Qual o segredo desta parte da ilha?", pensou imaginando tramas para um eventual livro. Na Ilha da Descoberta parece que ainda tem muito para ser descoberto.

Dá um último aviso por mensagem ao assistente informando que está indo dormir e volta a desligar a internet. Com essas dúvidas na cabeça e cansado, virou de lado e dormiu. O dia seguinte será puxado e precisa ficar bem e de bom humor, se seu editor deixar.

Capítulo 2

Dirigindo seu SUV BMW X5 pelas ruas com trânsito intenso. Para em um semáforo antes. Do seu lado um carro conversível. Olha de relance e volta a olhar com mais cuidado. No automóvel uma bela mulher. Ela se vira para ele e ambos se reconhecem. Fala baixinho:

- Cintia? – Ela olha de volta com um aceno de mão com um tchauzinho. Ela fala quase aos gritos:

- Lauro! – Fala com alegria e cara de espanto.

O sinal abre e ela segue em frente. Lauro fica parado e o carro atrás buzina chamando atenção. Lauro dá a partida e segue querendo ver Cintia novamente com um grande sorriso no seu rosto. Ficou lembrando da faculdade, das aulas e conversas com a galera, do namoro que teve com a doce Cintia, uma mulher com cabelos morenos, estatura mediana, olhos castanhos claros. Não se viam há anos e era uma feliz coincidência estarem ali. O carro segue em frente entrando no túnel para a parte central da cidade. De repente desacelera, há algo errado dentro do túnel. Para o carro atrás de uma Kombi cheia de moveis de mudança. Vê pouco o que está acontecendo lá na frente. Está na metade do túnel e pensando se foi um acidente. “Será que Cintia está bem? Será que foi com ela?”. As luzes do túnel se apagam e consegue apenas ver uma luz que acende e apaga bem à frente da saída do túnel. “O que está acontecendo?”. As pessoas começam a sair dos carros sem saber nada. Uma correria em direção ao carro de Lauro, para atrás do túnel em sentido contrário da rodovia. Gritos de “corra, corra” ecoam no túnel. Lauro abaixa o vidro e um homem avisa:

- Sai daí agora! Sai! Ele vai te pegar! – Lauro fica incrédulo. Volta sua atenção para frente olhando todos saindo desesperados. Decide sair do carro. Vê uma mulher com uma criança sendo puxada pelo braço. A criança se solta, ficando perdida. Lauro logo pega a criança que está quase do seu lado e leva até a mãe. Ao virar vê Cintia com seus olhos e feições em total espanto com olhos lagrimejando. Ela não consegue falar. Apenas o puxa. Lauro não se move. Cintia corre e grita finalmente: - Corra, Lauro! Corra! – Lauro olha para frente para saber o que é aquilo. Um rugido

apavorante entra no túnel de maneira assustadora. Seus olhos abrem arregalados sem acreditar. – Isso é um dragão. – Sem saber o que viu realmente começa a correr ao olhar uma luz forte como fogo iluminando a saída do túnel. Uma baforada de ar forte e quente entrou no túnel. Correndo sem olhar onde está indo, Lauro tropeça. Avista ao levantar Cintia fazendo gesto de "venha" com as mãos. Correndo e olhando para trás o tempo todo. Com um fôlego só, o dragão cospe seu fogo dentro do túnel, queimando os carros e pessoas e tudo mais que havia pela frente. O fogo vai rapidamente chegando em Lauro. Correndo o mais rápido que pode, olha pela última vez e o fogo o consome....

Lauro acorda antes do horário do despertar do celular. Foi um sonho, um pesadelo com uma das mulheres de sua vida. Foi difícil deixar aquela cena da sua mente. Suando, levantou para ir ao banheiro. Lavou o rosto e ficou ainda se perguntando: "Porque sonhei com isso e com a Cintia?". Tomou um banho para tirar o suador. O relógio despertou às 6:30, colocou meia hora antes do combinado para dar tempo de tudo, e logo ligou para recepção para pedir o café da manhã. Enrolado na toalha, ficou no celular vendo as notícias e mensagens. Não demorou muito, o editor Wanderley já estava mandando o mesmo texto do dia anterior. Com cara de impaciente, Lauro largou o celular e ficou vendo a paisagem da janela. Os prédios foram construídos na ilha para não atrapalhar a visão da natureza. Tudo bem planejado. Existe uma distância regulamentar para que os hospedes não percam a vista de suas janelas de todos os ângulos. Os prédios também têm limites de andares. Não podem ultrapassar a 15 andares. Exigências impostas pelo seu descobridor, o milionário Antônio Castro do Amaral Febere, justamente para que a vista seja apreciada de dia e a noite. O café da manhã chega cheio de frutas, ovo, queijo, presunto, leite, café e todo o mais. Lauro acha um desperdício tanta comida para quem come muito pouco durante a manhã. Pegou o que queria comer no carrinho do atendente e colocou na mesa do quarto e solicitou que o resto fosse devolvido a cozinha.

No saguão do Royalle, Wanderley Aguirre, um argentino vivendo no Brasil desde a infância, com seus 46 anos, telefona para Lauro avisando que está a sua espera.

- Já estou aqui no saguão do hotel.

Lauro respondeu:

- Não estou pronto ainda. Espera mais um pouco. Ainda falta muito para o evento.

A campainha da porta do quarto toca. Lauro abre para o assistente Valter Costa, um jovem magro e de cabelos castanhos aparentando ter 25 anos. Ele entra e vê Lauro ainda enrolado na toalha. Lauro reclama da pressa.

- Qual a pressa!? Ainda temos mais de 2 horas antes do evento. Só começa por volta das 11 horas. – Valter não responde. Apenas informa o que vem para o dia.

- Primeiro, bom dia. Vamos sair às 9 horas. Daqui a 40 minutos, você, eu e Wanderley vamos juntos no carro. Wanderley quer repassar todos os passos do dia. Primeiro vamos falar com os organizadores do evento. Eles querem segurança total para o senhor e toda a equipe. Almoçamos com o presidente Antônio Castro Junior e seus convidados. Políticos e pessoas da sociedade da ilha. A tarde vamos para o Shopping Central na livraria Bookstore para a palestra inicial do livro e autógrafos com convidados e leitores. O evento começa às 17h.

Depois da longa leitura dos acontecimentos que tem para o dia, Lauro, já pronto, pergunta:

- Quantas pessoas cabem no auditório do shopping?

- Segundo a organização do evento, cabem mais de 200 pessoas.

Lauro fica surpreso com um auditório grande para um lançamento de um livro. Ele mesmo já fez inúmeras vezes eventos menores antes de ganhar a fama. Seus primeiros livros não alcançaram voos mais altos. Começou com pequenas tiragens em uma pequena editora. O lançamento de seu novo livro vem de dois grandes sucessos anteriores. A editora Quantum é especialista em livros de ficção de toda a natureza. Publica desde de ficções científicas a ficções policiais. Wanderley é desde o início seu editor. É experiente em editar cada livro, mas não em escrever discursos. Os dois primeiros livros de Lauro têm o foco na ficção de fantasia, onde monstros e mundos inexistentes habitam o imaginário dos seus leitores. O novo livro não é diferente. Escrito durante dois anos, como de costume, isoladamente em um lugar qualquer do planeta. Lauro nunca revela onde está quando está escrevendo suas fantasias.

No saguão encontra Wanderley agitado para mais um grande evento. É o primeiro de muitos do novo livro. A escolha do país para lançar "Paraíso Perdido" veio do próprio Wanderley. Segundo ele, ideal para a trama do livro. O carro já está estacionado para levá-los ao primeiro encontro. Lauro detesta encontros com políticos e empresários. Acha que eles não são seus leitores e que só fazem média para a mídia, para ficar bem na fita. Como a ilha tem poucos eventos do gênero, vira festa. O desejo de Lauro é fugir de tudo isso. Mas aceita pelo bem da editora e de seu amigo editor. O primeiro encontro com os organizadores foi bem satisfatório. Garantiram a segurança de todos e aceitaram as cláusulas caso aja algo no evento.

E vem a parte que menos importa do dia: o almoço com os senhores políticos. Cordialmente Lauro chega no evento com muita educação e paciência. Logo de cara encontra a bajulação sem necessidade da maior autoridade local: o presidente Castro Junior.

- Bem-vindo a Ilha da Descoberta, senhor Lauro. Esta é minha esposa Patrícia. Ela é sua fã. – Fala com muita empolgação Castro.

- Obrigado, presidente. Prazer em conhecer, primeira-dama. – Falou por obrigação de ofício, por educação, nada mais.

Passou pelo salão enorme da mansão, cumprimentando a todos do local. Muitos sem perguntar nomes, sem conversas prolongadas. Não resistiu em perguntar para Valter:

- Até que horas vai esse almoço?

- Até as 14 horas, senhor.

- 2 horas para almoçar? – Falou espantado. – Nunca tive esse tempo todo para almoço. A vontade é de comer e correr. – Falou sem paciência e com tom de desagrado em estar ali com tantas figuras que não queria ver.

Após quase 1 hora e meia de almoço, Castro Jr resolveu fazer um discurso para o convidado. Levantou-se com a taça na mão e uma colher e bateu levemente na taça anunciando:

- Atenção! Atenção todos! Hoje estamos recebendo um ilustre convidado. Na mesa conosco está o famoso escritor de fantasias, do qual minha esposa Patrícia é fã, Lauro Brumas. Vamos aplaudir – seguido de aplausos em pé de todos os convidados, exceto de dona Lícia, uma senhora de 86 anos, avó da primeira-dama. Após cessar o som dos aplausos, Castro Jr continuou. – Ele veio para o lançamento de seu novo livro, lançado exclusivamente aqui na Ilha da Descoberta. Poderia dar uma palinha do que se trata o livro, senhor Lauro? – Patrícia faz gesto com a mão para Castro Jr para não fazer isso. Lauro, contrariado, levantou-se para falar aos à mesa.

- Obrigado, senhor Castro Jr. Não posso revelar segredos da minha obra. Convido a todos presentes a comprar o livro. Isso sim vai me ajudar, ajudar meu editor Wanderley, aqui presente – Wanderley enrubesceu – e todos da editora Quantum, sem esquecer dos meus leitores.

Mesmo depois disso, Castro Jr insistiu, mas Patrícia interveio, se levantando para falar, deixando Jr espantado com a atitude da mulher. Jr sentou e ouviu.

- Não precisa contar sua nova história. Todos nós aqui pretendemos, não é mesmo senhores e senhoras a comprar sua obra. – Falou com um simpático sorriso no rosto direcionado a Lauro. Em seguida Patrícia emendou: - Vamos no salão ao lado para um cafezinho? – Todos se levantaram para o salão.

Patrícia encontra Lauro, sem a presença do marido, para pedir desculpa pelo ocorrido.

- Desculpa meu marido. Ele sempre quer aparecer mais que os outros. – Falou com um belo gesto de cortesia e com muita sinceridade. Lauro percebeu que ela é uma mulher elegante, não no modo de vestir, mas com seu tom de voz amigável, simples. Lauro gostou daquela mulher loira, da mesma altura que ele.

- Tudo bem, não há problemas. Já passei por coisas piores. – Respondeu Lauro com um sorriso leve e olhar de gosto pelo gesto da primeira-dama. Os dois caminharam juntos até o salão, seguidos por Valter e Wanderley, que conversava com uma senhora e um senhor logo atrás de Lauro.

Capítulo 3

No fim do evento do almoço, ainda na entrada da mansão, Patrícia fez questão de acompanhar Lauro até a porta e se despedir, juntamente com Castro Jr. Ela agradeceu a presença de todos e confirmou presença no evento a tarde.

- Obrigado pela presença de todos vocês. A tarde eu e minha filha Larissa, que não pôde estar no almoço, estaremos no lançamento do livro.

- O presidente vai ao evento? – Perguntou Wanderley no meio dos dois.

- Não. – Respondeu a primeira-dama. – Estará em outro evento político. Mas confirmo a presença sem falta como leitora. – Sorriu como admiradora e não como uma dama de Estado. Lauro se despediu com muita alegria pela recepção de Patrícia, nem tanto para o presidente, com seu entusiasmo mais político do que amistoso. Todos se cumprimentam no final, inclusive Castro Jr com exagerada empolgação.

Após o evento na mansão, Lauro e equipe entram no carro e voltam ao hotel para se preparar para o terceiro evento do dia e o principal deles: o lançamento do livro "Paraíso Perdido". Wanderley começou novamente a passar o que vinha a tarde e Lauro pediu para parar.

- Para agora. Todos nós aqui já sabemos de cor. Não precisa disso. Vamos digerir o almoço. – Falou com certa calma. Wanderley então perguntou.

- Você gostou da festa?

- Sim e não. A primeira-dama foi muito gentil e elegante. Já o presidente.... Não parece nada com o pai, segundo li sobre o mesmo, pois não conheci pessoalmente.

- E qual o não?

- A festa. Não precisava tanta extravagância para um "simples" almoço – gesticulou Lauro fazendo aspas com as mãos. – Mas o que me manteve ali foi a doçura da senhora Patrícia. De resto, um saco. – Emendou com ênfase.

- Não sei porque você odeia festas como essa. Aproveita a comida, a conversa, a bebida e depois esquece. Fácil, não acha? – Comentou Wanderley com cara de tanto faz.

- Para você é fácil, pois tem que sustentar sua pança. – Caçoou Lauro, fazendo todos os três rirem. Valter não fez comentários, apenas acompanhou a conversa em silêncio, rindo da situação.

Já no quarto o que Lauro mais queria agora era dormir, descansar, se isso era possível. Tirou a vestimenta, a gravata principalmente – detestava usar – e se jogou na cama. No quarto estava Valter que entendeu o pedido de Lauro sem ele pedir nada.

- Vou deixar o senhor descansar um pouco. As 15:30 passo aqui para irmos ao evento, ok?

- Ok. Obrigado Valter.

Lauro deitou na cama, fechou os olhos e lembrou do sonho da noite. Cintia povoou sua cabeça, suas lembranças da faculdade, dos beijos e abraços, de como ela era linda. Lembrou das brigas também, de como ele foi fraco em deixá-la, de trair no melhor momento de seu relacionamento. Cintia não era fácil de lidar. Geniosa, não levava desaforo para casa. O que tinha que resolver, resolvia na hora, mesmo que ela saísse machucada. Foi o que aconteceu no passado. Lauro lamentou tudo, mas não tinha remédio para consertar isso agora. Já era tarde demais para reparar o passado. Pensou em voz alta:

- Acho que nunca mais vou vê-la de novo. Só em sonho.

Tentou dormir, mas não estava conseguindo. Ficou deitado quieto esperando o sono chegar. Cochilou por alguns minutos quando o telefone emitiu um bip de mensagem. Era a confirmação da empresa organizadora informando que estava tudo pronto para o evento e que os ingressos estavam esgotados. Leu a mensagem contente com a informação. Será a segunda vez em um primeiro contato com leitores de esgotamento de ingressos. Seu primeiro livro de sucesso quase lotou o local. Somente o segundo livro realmente preencheu o espaço. O de agora será o espaço maior em um evento de lançamento que Lauro participa. O local é amplo, um auditório com quase o dobro da capacidade do anterior. Soltou o celular na cama e voltou a fechar o olho. Queria descansar mais um pouco antes que Valter batesse a porta do quarto.

Não demorou muito para isso acontecer. As 15:30 em ponto lá estava Valter apertando a campainha do apartamento. Lauro levantou em um pulo para atender. Abriu a porta de cueca. Valter apenas avisou que estava na hora de ir. Lauro vai ao banheiro para se arrumar. Com a roupa já separada desde de manhã cedo, colocou rapidamente a calça jeans e uma camisa social esporte e o tênis. Queria estar bem descontraído, assim como sempre faz nas suas palestras em eventos literários. Logo já estavam no saguão à espera de Wanderley. Era a primeira vez que Lauro aparecia antes dele. Wanderley tem o costume da pontualidade. Neste dia foi diferente. Valter estranhou e sacou o celular para ligar quando, no meio da ligação, Wanderley apareceu em passos largos.

- O que aconteceu para o inesperado atraso? – Perguntou Lauro com ar de sarcasmo. Wanderley fez cara de poucos amigos e continuou a andar até o carro.

Em movimento em direção ao auditório do Shopping Central Ilha da Descoberta, Wanderley falou pouco, algo incomum para alguém meio falante. Lauro insistiu em saber:

- O que houve com você? Está tudo bem? Estou te achando estranho.

- Não há nada. Apenas não passei bem do estômago. Acho que foi algo que comi. – Respondeu Wanderley meio indisposto a continuar com a conversa. Lauro deu de ombros e ficou quieto se concentrando para o evento.

Chegando no local, um grande aparato de segurança é feito. Tinha pelo menos 7 seguranças só para Lauro, o que achou exagerado. Lauro não gosta de tanta gente ao seu redor, em especial seguranças com cara de mau. O carro para no estacionamento do shopping e logo é invadido pelos seguranças. Todos de preto, com comunicadores nos ouvidos e guiando a equipe de 3 pessoas. Parecia que estavam guardando o grande ouro do mundo. "Ainda vou escrever sobre este enigmático evento dos seguranças. Não entendo tanto por quase nada". Pensou Lauro durante o caminho. Chegando em um espaço reservado, um camarim improvisado, Lauro solicitou a Valter colocar os seguranças fora da cabine e que não precisava ninguém na frente da porta.

O preparativo era apenas para falar em público e Lauro queria se concentrar sem o texto decorado feito por Wanderley. Pegou o texto e leu e memorizou pontos chaves. A maioria das palavras não vai ser ecoada pelo auditório. Valter dá 3 batidas na porta informando que faltam 10 minutos para entrar no palco. Lauro responde com um ok. Mais 5 minutos e Valter volta a porta com as 3 batidas. Lauro sai do camarim e segue junto a Valter até o palco. Wanderley ficou próximo ao palco e entrega a cópia do texto, mas Lauro ignora falando baixo: - Já decorei, ok. – Wanderley diz ok, embora não goste da devolução do texto. Dobra e coloca no bolso do paletó.

Começa a contagem e todos estão sentados esperando, incluindo a primeira-dama Patrícia e sua filha Larissa de 16 anos. - 5... 4... 3... 2... 1... – Anuncia no alto falante. Lauro entra ao som de música empolgante sem saber que música está tocando. O público aplaude com entusiasmo a chegada do autor de "Paraíso Perdido", todos com o livro nos seus colos ou mãos.

Lauro começa agradecendo todos os presentes ao evento.

- Obrigado! Obrigado a todos. É um prazer lançar o meu novo livro nesta misteriosa terra. – Seguido de mais aplausos. Lauro continua. – Meu novo livro fala de uma terra parecida com esta, a Ilha da Descoberta: cheia de encantos e muitos segredos. Alguém sabe como se formou essa ilha? Exatamente: ninguém sabe. Nem seu descobridor, o senhor Antônio Castro do Amaral Febere. Simplesmente avistou e conquistou a ilha. – O texto foi mudado de "tomou posse" para "conquistou". Lauro começou bem, falando da ilha, do descobridor e de tantas outras coisas sobre a terra nova, antes de entrar no principal entretenimento daquele fim de tarde de sábado de janeiro: o livro e sua história.

- O livro que estou lançando hoje, fala de uma terra... – de repente o chão tremeu e Lauro ficou sem saber o que fazer. Olhou para sua equipe, Wanderley e Valter e balbuciou "o que está acontecendo?". Wanderley deu de ombros, mas preocupado. Lauro tentou retornar a fala, mas um novo tremor sacodiu o prédio com mais intensidade. O povo começou a ficar inquieto, assustado. Pessoas começaram a sair em desespero. Lauro avistou Patrícia e sua filha. Os seguranças da primeira-dama rodearam com rapidez as duas seguindo porta afora do auditório. Lauro tentou sair do palco, mas uma mulher vai ao seu encontro. Ela está em pânico. Aos gritos ela se encolhe próximo ao palco. – Me tira daqui! Vou morrer. – Lauro desce ao encontro dela tentando acalmar a mulher. Cadeiras e livros ficaram pelo chão. Nunca Lauro viu algo assim. Nunca presenciou ou sentiu um abalo sísmico. Imediatamente ele segurou a mulher, pegou no seu braço para retirá-la dali quando veio um forte abalo maior, fazendo todos caírem no chão. Do teto começou a sair fuligem. Os vidros da porta do auditório quebraram com um estrondo. Wanderley, caído no chão, chamava por Lauro, mas sem resposta. Valter correu para dentro da coxia sem pensar, em um ato de desespero e medo.

Os seguranças contratados não sabiam o que fazer: se ficavam ou corriam. Aguardaram instruções.

Lauro caído quase inteiramente em cima da mulher tentou levantar, mas os abalos não paravam. Ouviu finalmente a voz de Wanderley e gritou:

- Vá embora, corra para fora! – Wanderley ouviu e ficou na dúvida. Lauro repetiu e acrescentou: - Agora Wander! – Lauro ajudou a mulher se levantar com cuidado, apoiando na parede abaixo do palco. O abalo ficou mais intenso e foram jogados de volta ao chão. Gritos, destroços caindo, ruídos fortes de coisas quebrando. Ali no chão abraçado com a mulher, Lauro ficou imóvel e totalmente apavorado, não mais que a mulher que não parava de gritar. De repente algo se desprende do teto e cai em cima dos dois. Lauro não ouve mais nada. Ambos ficam jogados no chão com destroços do tremor em cima deles.

Capítulo 4

Há 42 anos Antônio Castro do Amaral Febere estava desiludido com sua vida e seus negócios. Tinha 45 anos na época. Herdeiro de um conglomerado da família, a Febere Corporações. Seu pai Augusto foi o grande empreendedor da fortuna da família. Antes dele, seu avô Antônio Carlos, tinha uma pequena fazenda de gado e logo expandiu para agricultura. Começou a ganhar dinheiro e respeito pela forma de negociar e enriquecer, embora não era um homem estudado, com diplomas pendurados na parede. Augusto seguiu os estudos como queria o pai. Se formou em administração e direito sem esquecer dos negócios da família. Logo a fazenda prosperou e começou a comprar outras fazendas, indústrias e outras empresas fora do ramo da agricultura. Augusto tinha visão de lucro: sempre comprava ou virava acionista em empresas com visão para o futuro. Assim nasceu o conglomerado Febere Corporações: comprando e fazendo negócios com todos.

Sua família é natural de Portugal, mas na Inglaterra que tudo se tornou maior para a corporação. Lá Augusto soube negociar e fazer investimentos. Primeiro uma fazenda de gado leiteiro. Depois veio a agricultura, indústrias de alimentação, de plástico e até mesmo de carros. Sócio em uma indústria de carros, pensou muito à frente. Imaginava carros por todos os lados e para todos. Chegou a propor a fabricação de um carro popular que não poluísse o ambiente. Nenhum projeto deu certo, gastando sua fortuna em algo improdutivo. Foi convencido a desistir do carro sonhado e continuou com seus outros negócios. Com o dinheiro recuperado, anos depois comprou todas as ações minoritárias, se tornando o dono da fábrica.

Ao passar à frente seus negócios para Antônio Castro, Augusto não parou de negociar. Sempre atento às movimentações e negociações. Só deixou de vez tudo ao morrer de infarto em sua mansão na Inglaterra e enterrado em Portugal. O conglomerado já chegava a 15 países e mais de 50 aquisições durante os mais de 50 anos da empresa. Toni, como era chamado por familiares, era o principal comandante da empresa. Havia ainda seus irmãos Fabrício, Carlos e Fátima. Mas só Toni conseguiu guiar os negócios como seu avô e seu pai. Os irmãos tinham cadeira no

conselho, mas somente Fátima participava ativamente. Fabrício era diretor para as Américas e Carlos ficou, como ele mesmo desejou, diretor das fábricas da Holanda.

Nem tudo ia bem e algumas fábricas e negócios estavam indo mal. Teve que desfazer de 10 empresas do conglomerado para sanar as dívidas e salvar o restante do grupo. Com o tempo Toni estava angustiado e pouco interessado nas empresas. Pensou largar tudo de vez. Mas esperou o melhor momento. 5 anos antes de partir para uma aventura, planejou cada passo. Solicitou a um amigo dono de construções de barcos e navios aquele que seria seu guia pelos mares: um barco com capacidade para 7 pessoas e com carga para alimentos e acomodações. Não sabia como contar para a esposa Mariângela sobre seu desejo. Tudo ficou em segredo. Mas um dia contou do seu sonho de largar tudo e viajar pelo mundo.

Em setembro de 1982 Toni finalmente contou para a esposa o seu segredo. Mariângela ficou espantada com a oferta de sair viajando pelo mundo. Toni se sentiu aliviado por revelar tudo. Haviam muitas questões pesando. Além do conglomerado, tinha os 3 filhos, na faixa dos 11 a 5 anos. A conversa foi dura e cheia de impactos.

Foi a mais difícil conversa que teve na sua vida. Muito mais que com empresários e investidores. Toni Começou a explicar e desabafar seu sentimento para Mariângela.

- Faz anos que estou planejando esta viagem pelo mundo. Não faz mais sentido eu ficar aqui cuidando dos negócios. – Iniciou Toni com calma para sua mulher. Espantada com a revelação, Mariângela questionou:

- Como vamos viajar com as crianças? Como deixar tudo para trás e seguir uma nova vida? – Se sentindo angustiada com a situação. Toni continuou a explicar:

- Você já sabe que não ando animado para os negócios. Deixei parte do controle para minha irmã Fátima. Ela está conduzindo muito bem as coisas por lá. – Toni tinha há 2 anos inserido a irmã na liderança do conglomerado para justamente poder largar tudo. Tudo de caso pensado. Explicou este fato a esposa. Mesmo assim, continuava receosa sobre a aventura.

- Toni, não tem como largar tudo assim, mesmo você planejando tudo nos mínimos detalhes. – Falou Mariângela ponderando o discurso do marido. Tentou demover o desejo de Toni:

- Por que você não tira um tempo sabático da empresa? Vai dar no mesmo. Você poderá descansar sem ter que fugir de tudo. – A fala dela deixou Toni indignado e revoltado.

- Não funciona. Tempo sabático acaba e terei que voltar para a empresa. Não é o meu desejo de voltar para lá. Sim, tenho medo do futuro que meus irmãos vão dar a empresa. Meu avô e pai construíram este império, mas para mim não dá mais. – Argumentou com tom de calma e enfatizando seu desejo.

Ainda sem acreditar que aquilo era possível, Mariângela ficou um tempo calada, pensando. Pediu um tempo para pensar e entender tudo aquilo.

Depois de 3 dias, Mariângela pensou muito e pesando os prós e contras da oferta de Toni. Resolveu não ir na aventura do marido. Temia pelos filhos. Temia ainda mais pelo marido em entrar em alto mar para lugares desconhecidos.

Passaram-se 3 meses antes de entrar no barco. Fez o preparativo na empresa, empossando Fátima no comando, o que desagradou a Fabrício, mas não Carlos, que queria continuar sua vida na Holanda com a empresa, sua esposa e filhos. Houve discursão pela decisão de Toni, que ainda era o presidente e dono de tudo. “Fátima será a diretora interina por 3 anos e após, automaticamente, toma a devida posse”,

discursou na ocasião. O barco estava pronto no local combinado pelo amigo João em Portugal, próximo a velha fazenda da família, onde tudo começou com seu avô, no norte do país.

Era hora da partida. No dia estava presente Mariângela e os filhos e sua irmã Fátima. Os outros irmãos não foram à despedida de Toni. João informa que está tudo pronto para zarpar. Toni abraçou a mulher e os filhos. Junior, o filho mais velho, queria ir junto, mas ele explicou que teria que seguir sozinho e pediu para cuidar da mãe. Um beijo em Mariângela e um carinho no rosto dela foram os últimos antes da viagem.

O barco solta as amarras e começa a navegar. Um aceno de tchau para todos em terra que também acenam para Toni. Distancia-se da costa em direção ao mar. Toni pega a planilha da viagem e mostra para o comandante João e dá instruções aos outros 6 tripulantes. A ideia de Toni é meio que seguir a rota dos antigos navegadores. Vai passar pela costa Africana até os mares da Ásia e Oceania e depois voltar. As paradas estão programadas e não sabe quanto tempo terá em cada lugar.

O tempo de aventura vai correndo e anota cada passo e cada lugar. Durante a viagem viu tubarões, baleias, gente passando mal no barco, enfermidades. Parou em lugares de ilhas, terras que nem sabia onde estava, conversou com povos, enfrentou autoridades por questões de documentos. Mas nada desanimava. Pelo contrário: a cada dia estava se sentindo feliz e contente. Em cada terra firme que pisava, mandava cartas para Mariângela contando tudo. Pedia que não respondesse, pois não saberia onde iria estar da próxima vez. Também não telefonou. Os problemas da empresa foram deixados para trás, embora as vezes pensava se tudo ia bem.

O mar estava calmo, mas algo pegou de surpresa a tripulação do barco. Um forte vento fez os mastros ficarem sem controle. O tempo mudou e o comandante tentava contornar a situação. Os homens tentaram segurar com força o mastro e o mar começou a ficar agitado. Uma tempestade se aproxima e todos ficam em alerta. O vento aumenta rapidamente e não é possível mudar a direção. Toni ajuda os homens e João fica perplexo com a tempestade repentina. Avisa a Toni que não consegue retornar ao ponto de volta. O barco segue em outra direção desconhecida. João informa que parece seguir para os mares da América. Sem entender quase nada do que João fala, tenta chegar perto, mas o sacolejo do barco o impede de se aproximar. Aos gritos os homens dão instruções. As palavras são carregadas ao vento sem chegar ao destino certo. Todos olham um para o outro, acenam para lá e para cá como forma de conter o rumo do barco. Tudo em vão. O vento sopra para o seu próprio destino e os homens são derrotados. E levados para um lugar inesperado. Depois de muito balançar e todos conseguirem se manter dentro do barco, a tempestade se acalma. Não há mais nada a fazer. João verifica se todos estão bem e se há alguém faltando a bordo. Tudo parece ok, até avistar as condições do barco. Olha para o mastro e vê um grande rasgo na lona. O motor, que antes não estava em perfeita forma, falha. Entrou muita água dentro do barco e o mecânico da turma anuncia que o motor não funciona mais e será preciso parar em terra firma para conserto.

Já era madrugada e seguiam com o vento fraco da noite. Todos dormiam, exceto Toni, que estava inquieto depois da tormenta. O sol começa a dar as caras e a luz invade o céu sem nuvens. As estrelas são trocadas pelo céu azul. Aos poucos começa a iluminar o barco. Toni que está distraído escrevendo no seu diário sentado no chão encostado em uma parte do barco, levanta a cabeça e não acredita no que vê. Fala sozinho: - Terra à vista!? É terra à vista. – No início pensa que chegou ao Uruguai. Mas tem algo diferente ali. Toni já tinha visitado o Uruguai em negócios. Conhecia parte da costa do país. Logo se levantou e chamou João várias vezes até ele aparecer. João ficou